

## **PROGRAMA HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB/CH/UEPB) – UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Maria Aletheia Stedile Belizário<sup>1</sup>  
Josilany Soares Batista<sup>2</sup>  
Thais Maria da Silva Batista<sup>3</sup>  
José Horácio Fidelis Luiz<sup>4</sup>  
Geisa Karla de Oliveira Borba<sup>5</sup>  
Luciene Vieira da Arruda<sup>6</sup>

### **RESUMO**

Pensar o mundo atual requer uma série de medidas que minimizem os impactos negativos da ação antrópica sobre o uso dos recursos naturais. Diante disso, órgãos mundiais como a Organização das Nações Unidas (ONU), estabelecem diretrizes e políticas de controle aos danos causados pela extração inadequada dos recursos disponíveis na natureza. Assim, o referido trabalho procura mostrar as ações executadas e discussões pautadas na Educação Ambiental (EA) a partir do Programa de Extensão Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HBCB/CH/UEPB), em Guarabira/PB. Dessa forma, realizamos uma pesquisa-ação de caráter analítico-fenomenológica a partir da pesquisa-ação a partir dos Projetos de Extensão desenvolvidos pelo citado programa. Os procedimentos metodológicos constaram de levantamento bibliográfico, registro fotográfico, apresentação dos projetos de extensão e análise dos seus resultados. O Programa HBCB/CH/UEPB, em seus cinco anos de execução, busca atender algumas das propostas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) descritos na Agenda 2030, assim como práticas voltadas à EA. O referido programa realizou ações de plantio, manejo e conservação da área frontal do CH, criando um pequeno bosque, composto por 248 indivíduos vegetais, de 49 espécies distribuídas em 20 famílias. O espaço está disponível para a convivência social da comunidade acadêmica e dos municípios do entorno. O HBCB/CH/UEPB vem recebendo visitas programadas de escolas públicas e privadas e também retribui tais visitas, promovendo palestras e plantios de espécies vegetais nestas instituições. O grupo de trabalho é formado por 50 participantes (professores, bolsistas e voluntários), que auxiliam nas atividades práticas diárias e contribuem para aproximar a sociedade junto ao CH/UEPB, a partir das caminhadas nas áreas do bosque, do conhecimento das espécies vegetais, bem como a socialização, conscientização e sensibilização ambiental, tendo como ferramenta as ações da EA desenvolvida no HBCB/CH/UEPB.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Topofilia; Sustentabilidade.

---

<sup>1</sup>Professora Mestre, Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [aletheiastedile@servidor.uepb.edu.br](mailto:aletheiastedile@servidor.uepb.edu.br);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [josilany.batista@aluno.uepb.edu.br](mailto:josilany.batista@aluno.uepb.edu.br);

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras/Inglês da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [thais.maria@aluno.uepb.edu.br](mailto:thais.maria@aluno.uepb.edu.br);

<sup>4</sup>Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [jose.fidelis@aluno.uepb.edu.br](mailto:jose.fidelis@aluno.uepb.edu.br);

<sup>5</sup> Professora Mestre, Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [geisa.borba@servidor.uepb.edu.br](mailto:geisa.borba@servidor.uepb.edu.br);

<sup>6</sup> Professora orientadora: Dra. Luciene Vieira de Arruda, Docente do Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [lucienearruda@servidor.uepb.edu.br](mailto:lucienearruda@servidor.uepb.edu.br)

## INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que o mundo vem passando por um processo de uso dos recursos naturais como nunca antes foi visto. É como se pensássemos assim: “recurso natural pra quem? Desenvolvimento sustentável pra que? O que é preciso sustentar?” (Krenak, 2020 (a), p. 22). Entender essa dinâmica é relevante para diversas áreas do conhecimento, principalmente nas ciências humanas e ambientais. Saber como atuar e gerir, de maneira sustentável, os recursos naturais, minimizando os danos que a ação antrópica acarreta, tornam-se imprescindíveis. Arruda, Belizário, Cavalcante *et al* (2020) chamam atenção para a ambiguidade humana onde, apesar da infinidade de aspectos tecnológicos, informacionais e científicos, os grupos sociais ainda são incapazes de proporcionar um ambiente equilibrado.

Isso nos faz refletir sobre as rápidas modificações espaciais, onde nos é indagado qual o nosso papel nessa dinâmica com relação aos ecossistemas degradados refletidos na paisagem, assumindo novas estruturas e formatos, com rupturas alterando seu uso e funcionalidade. Moreira (2020) pondera sobre a saturação dos espaços e ambientes coletivos e a necessidade de reestruturação dos mesmos para atender a uma nova dinâmica sociocultural e ambiental.

Essa discussão sobre o processo antrópico nos ambientes naturais e o processo de degradação, ganha força mundial a partir de propostas desenvolvidas com o intuito de mitigar os impactos negativos com relação às práticas ambientais. Para Sena, Freitas, Barcellos *et al* (2015), esse debate surge como um alerta para o modelo de desenvolvimento econômico, pautado nos ideais capitalistas de consumo desenfreado e acumulação, desencadeia a destruição dos ecossistemas, afetando o ambiente e seus ciclos, impactando, dessa forma, os meios: social e ambiental.

Como se não bastasse toda essa problemática que a atualidade nos apresenta, em 2020, fomos surpreendidos por uma pandemia brutal, a Covid-19, que obrigou o mundo a repensar a forma de atuar no espaço. Estabeleceu-se, como escreve Tuan (2005), uma paisagem do medo, em que novas regras de convívio e isolamento foram traçadas. O medo da doença, nesse período, passou a ditar a organização da sociedade, já que, diferente de um desastre natural, a doença gerou uma atmosfera de pânico e suspeita.

Belizário, Arruda, Stedile *et al* (2020) abordaram os aspectos da fragilidade humana e do desequilíbrio que a pandemia da Covid-19 trouxe para as relações sociais e ambientais. As autoras suscitaram a necessidade de criação de novas práticas que

possam contribuir, de forma significativa, para mudar este cenário dos espaços atuais, sejam eles urbanos ou rurais, através de atitudes e condutas positivas em relação ao meio ambiente, capaz de levar a sociedade a reconhecer a importância da topofilia<sup>7</sup> e da biofilia<sup>8</sup> como os elos afetivos presentes entre as pessoas, seres vivos e os seus lugares.

Dessa forma, em outubro de 2019, pouco antes de sermos acometidos pela citada pandemia, foi criado no Centro de Humanidades (CH) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), o projeto de um minibosque denominado Humaniza Bosque (HB), pensado e organizado pelos professores doutores do Departamento de Geografia, Carlos Antônio Belarmino Alves e Luciene Vieira de Arruda, com a proposta de transformar a parte frontal do CH em um espaço vegetado para desenvolver atividades de laser, EA e conhecimento científico (Figura 1).

**Figura 1:** Parte frontal do CH/UEPB e planejamento inicial do HB, outubro/2019.



Área total: 8.364m<sup>2</sup>.

Fonte: Acervo do Programa Humaniza Bosque, 2019.

Levando em consideração as 17 propostas dos ODS, descritas na Agenda 2030, os projetos desenvolvidos no HB, desde o seu início, procuram atender às propostas: 3. Saúde e Bem-Estar; 4. Educação de Qualidade; 11. Cidades e Comunidades Sustentáveis; 12. Consumo e Produção Responsáveis; 13. Ação Contra a Mudança Global do Clima; 15. Vida Terrestre, buscando, através de práticas sustentáveis, uma organização mais qualitativa dos espaços de convivência social, como escolas, ruas, praças, entre outros.

<sup>7</sup> Conforme Tuan (2012), topofilia significa os elos afetivos que os grupos humanos mantêm com os lugares onde eles vivenciam os espaços a partir da percepção e simbologia que esses lugares fornecem.

<sup>8</sup> Conceito apresentado pelo biólogo estadunidense Edward O. Wilson, através da sua obra *Biophilia*. Nessa obra, ele nos apresenta de que forma os seres humanos coevoluem com as demais espécies e a importância dessa interação. (Wilson, 1984). Segundo Zanatta *et al*, (2019), somente dez anos depois, com o aprofundamento dos estudos em biofilia, é que foi promulgada a Hipótese da Biofilia, que fundamentou a existência da necessidade humana de se relacionar com a natureza como meio de promoção de bem-estar biopsicossocial.

No ano de 2020, o professor Carlos Belarmino foi acometido pela Covid-19 e veio a óbito, o que levou à modificação do nome inicial do HB para HBCB (Humaniza Bosque Carlos Belarmino), em sua homenagem. É nesse cenário pandêmico que foi necessário encontrar alternativas de continuar convivendo ambientalmente, além de repensar nossas práticas com relação à paisagem e como minimizar os impactos, ao menos em nível local. Assim, o HBCB que, inicialmente contava com apenas dois projetos, atualmente trata-se de um programa que envolve dois departamentos (Geografia e Letras), composto por sete projetos, com pesquisas voltadas à EA.

Este artigo apresenta as ações executadas e discussões pautadas na EA a partir do Programa HBCB/CH/UEPB, em Guarabira/PB e contribuir para a vivência e aplicabilidade dos ODS, principalmente aqueles ligados às questões ambientais e qualidade de vida. Logo, este programa contribui com modelos e projetos que direcionam a lidar com as questões ambientais que enfrentamos e que interferem no clima, nos ecossistemas, na segurança alimentar, entre outros.

## **METODOLOGIA**

O trabalho apresenta uma abordagem analítico-fenomenológica a partir da pesquisa-ação, tendo como base a relação do ser humano com o seu meio natural imediato, aquele das suas próprias vivências. Nesse sentido, para Tuan (2012, p. 135/136) “a topofilia é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material”.

O caráter desta pesquisa foi o qualiquantitativo a partir dos resultados dos Projetos de Extensão desenvolvidos pelo Programa HBCB/CH/UEPB. Como procedimentos metodológicos foi necessário um levantamento bibliográfico e de dados, por meio da observação participante, registro fotográfico, descrição dos projetos de extensão e análise dos resultados. Trata-se de uma metodologia fluida e varia de acordo com a temática de cada projeto, levando em consideração a percepção e vivência dos agentes sociais envolvidos nos processos.

Nesse contexto, os sujeitos da pesquisa foram os membros da comunidade acadêmica do CH/UEPB, composto por docentes, discentes e funcionários. A pesquisa é conduzida por cada orientador individualmente, mas a base de desenvolvimento dos estudos, a literatura, as pesquisas e os trabalhos desenvolvidos, estão estruturados nas dinâmicas, problemáticas ambientais e uso sustentável do meio natural.

## **UMA BREVE REVISÃO ACERCA DO MEIO AMBIENTE E SUA DESNATURALIZAÇÃO**

É sabido que o Planeta Terra possui uma dinâmica própria com ecossistemas funcionando em interação, assim como é afetado pela exploração humana excessiva, sendo os bens da natureza capitalizados como valor mercadológico. Por isso, Krenak (2020 (a)) convida os grupos humanos a repensarem suas práticas. No entanto, ao invés de práticas que contenham os processos nocivos, o desenvolvimento do meio técnico-científico-informacional, nos apresenta novas dinâmicas de evolução tecnológica que impactam negativamente o ambiente natural. Essas transformações provocadas pela humanidade se traduzem em instabilidades e desequilíbrios ambientais.

Nesse esquema de interação, a natureza, muito mais lenta que a ação antrópica, não consegue restabelecer uma recuperação eficiente de seus ecossistemas, trazendo uma preocupação às diferentes áreas de conhecimento, já que todos os grupos humanos necessitam interagir ambientalmente. Partindo dessa perspectiva, se faz urgente pensar em medidas de recuperação/recomposição dos ecossistemas degradados.

Dardel (2015) em seu livro *O homem e a Terra*, nos convida a uma reflexão não só ambiental, mas nos instiga a pensar todo o conjunto de relações que acontecem dentro desses espaços. Assim, ao pensar paisagem e natureza, temos sempre a perspectiva do lúdico, belo, abundante e equilibrado espaço de interações e ecossistemas. Apesar disso, os grupos humanos e o desenvolvimento das suas técnicas com relação ao meio ambiente, tem tornado os lugares cada vez menos naturais.

Foucault (2013) nos diz que o espaço da nossa percepção revela as nossas formas de pensar e atuar enquanto grupo, e com isso pode estabelecer parâmetros harmônicos ou caóticos, dependendo do grau de intimidade que temos com os lugares, como o capturamos e o transformamos. Dessa maneira, o espaço geográfico é onde se manifestam várias interações socioambientais, que se mostram cada vez mais fragilizadas, já o ambiente natural mais hostil. Essa desestabilização da natureza é decorrente “da quebra do elo do homem com a natureza” (Moreira, 2020: p. 135) que desencadeia uma série de rupturas, as quais o autor chama de desnaturalização.

A partir da supressão das áreas vegetadas, substituídas por desmatamento, construções, mineração, criação de animais ou agronegócio, é que surge o interesse em replantar e recuperar os espaços degradados. Alguns números trazidos pela EMBRAPA FLORESTAS (2013) são preocupantes e revelam que existe uma desestabilização da cobertura vegetal em diferentes níveis, o que impacta a paisagem em nível mundial.

Dessa forma, os ecossistemas entram em desarmonia, o que faz, muitas vezes, as comunidades tradicionais deixarem seus espaços.

Mesmo com todas as propostas e acordos firmados por órgãos mundiais, a escalada de uso desenfreado dos recursos naturais, principalmente após a segunda metade do século XX, atinge números nunca antes vistos. O desmatamento, poluição de mares e rios e, a produção de lixo, atingem patamares assustadores. Moreira (2020) reflete que, quando o ser humano é extraído do convívio com a natureza (desnaturalização) e perde a conexão simbólica que os unia em uma espécie de cosmos, os seres humanos tendem a se tornar predadores em seu próprio ecossistema.

Na construção dessa unidade maior, perdemos o equilíbrio que fornece a harmonia entre os grupos humanos e o meio natural. Assim, surge a necessidade de reconduzirmos ações que visem melhorar e minorar os impactos gerados por essas dinâmicas de consumo.

Tuan (2012) afirma que:

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estritamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológicas, o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão do mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural (Tuan, 2012, p. 116).

É nessa relação simbólica e topofílica que os grupos tradicionais/originários mantêm com o seu meio ambiente, que o enfoque dessa pesquisa será conduzido. Assim, a paisagem não pode ser analisada isoladamente, pois, somente quando somada ao valor social, assume uma função transformando-se em dado geográfico. Essas mesmas paisagens recebem a ação dos agentes transformadores que, de acordo com a percepção ambiental, age de maneira mais ou menos agressiva frente aos seus espaços. Nessa perspectiva, podemos perceber a importância da educação ambiental e suas práticas de uso sustentável do meio ambiente.

Para Arruda, Belizário, Borba *et al* (2024-b, p. 282):

É evidente que a prática da EA forma cidadãos que buscam pensar coletivamente, bem como contribuir com ideais e valores para que haja a conservação/preservação dos bens naturais e a aplicação de práticas cotidianas sustentáveis. Neste contexto, acreditamos que o caminho mais simples e eficaz, para se adquirir a consciência ambiental é investir na criação de projetos didáticos nas escolas. Para que, deste modo, os educandos se responsabilizem e percebam essa urgente necessidade de cuidar e preservar o meio ambiente, por meio

da elaboração e do pensamento reflexivo e crítico, acerca de práticas sustentáveis em nosso cotidiano.

Como discute Sauer (2012, p. 66) “o homem é o último agente na formação da paisagem”, e como tal, dinamiza um pluralismo de intervenções no ambiente. Portanto, as análises ambientais suscitadas em comunidades tradicionais e o processo de educação para uma conservação ambiental, precisa levar em consideração as conexões (materiais, sociais, educacionais, políticas, etc.) geradas nesses ambientes.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta pesquisa articula educação, sustentabilidade e percepção ambiental. Nesse sentido, a intenção é, levar um modo de pensar os ecossistemas, não como uma fonte inesgotável de recursos naturais que podemos utilizar e sim, como precisamos cuidar, interagir e mantê-los. De acordo com Arruda, Belizário, Borba *et al* (2024), alternativas pensadas em pequenas escalas, podem mitigar impactos positivos e ainda funcionar como replicadores em áreas e comunidades próximas. Assim, “a ecologia nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas nosso desejo é infinito, e, se o nosso desejo não tem limite, então vamos comer todo este planeta.” (Krenak, 2020 (b), p. 97).

Nessa perspectiva, se faz necessário criar espaços de debate, “em um diálogo que compreende a reflexão para a Educação Geográfica contemplar a temática físico-natural, de forma indissociável” onde, sejam estabelecidas conexões através da percepção e vivência dos fatores físicos e dos atores sociais envolvidos (Oliveira, 2021, p. 09). É a partir dessa perspectiva que as práticas ambientais dos projetos de extensão do HBCB/CH/UEPB estão estruturadas.

O caminho trilhado para a implantação do citado bosque foi árduo e cheio de dificuldades. Assim, as primeiras atividades do projeto HB foram pensadas com o intuito de arborização, manejo e gestão dos espaços do CH/UEPB, a partir da percepção de que “os impactos ambientais são resultados de uma vasta exploração de áreas verdes e que não são reabilitadas na mesma proporção da degradação” (Silva, 2022, p. 14).

Atualmente, o Programa HBCB/CH/UEPB conta com sete projetos de extensão, com bolsistas e voluntários, professores coordenadores e adjuntos, formando uma equipe de mais de 50 pessoas, que atuam em uma diversidade de temas relevantes direcionando os participantes a enxergarem estas práticas benéficas ao meio natural, como uma possibilidade futura de educação. (Quadro 1).

**QUADRO 1:** Lista de Projetos Vinculados ao Programa de Extensão HBCB/CH/UEPB

Nº	TÍTULO DO PROJETO
1	SOCIALIZAÇÃO DE PRÁTICAS AMBIENTAIS A PARTIR DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB), DO CENTRO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB (PARTE III)
2	PRÁTICAS AMBIENTAIS A PARTIR DOS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS) EM ESCOLAS PÚBLICAS E COMUNIDADES DO ESTADO DA PARAÍBA - (PARTE III)
3	BIOGEOGRAFIA E ORQUIDÁRIO DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB), DO CENTRO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA: Natureza e Cultura na Seleção de Espécies (PARTE II)
4	CONTRIBUIÇÕES DO HBCB/CH/UEPB PARA O CULTIVO DE PLANTAS EM QUINTAIS RESIDENCIAIS
5	PRÁTICAS DE MONITORAMENTO DAS ESPÉCIES VEGETAIS QUE COMPÕEM O HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB), DO CENTRO DE HUMANIDADES (CH/CAMPUS III) DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB) (PARTE II)
6	LEITURA LITERÁRIA, PRÁTICAS AMBIENTAIS E AS CONEXÕES SIMBÓLICO/CULTURAIS CRIADAS A PARTIR DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB), DO CENTRO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA. (PARTE II)
7	LIVROS LIVRES: A PRÁTICA DA LEITURA NOS ESPAÇOS DO HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB) CAMPUS III DA UEPB (PARTE II)

**Fonte:** Acervo do Programa HBCB/CH/UEPB, 2024.

Os projetos que compõem o programa supracitado estão atrelados à EA e, embora tenham algumas particularidades, todos convergem para a perspectiva da conscientização e sensibilização na temática sociedade/natureza. Infelizmente, neste mundo globalizado, as práticas de consumo em relação às paisagens se tornam cada vez mais predatórias. Partindo desse pressuposto, o modelo do Programa HBCB/CH/UEPB, propõe ações que minimizem esses impactos em nível local.

O direcionamento dos projetos, além da possibilidade de trabalharmos diversas temáticas teóricas e práticas da EA nos possibilita direcionar temas voltados à Biogeografia, Gestão e Planejamento Ambiental. Dessa forma, a ação no bosque em estudo tem contribuído para a percepção dos participantes sobre sustentabilidade, valorização do meio ambiente e conscientização sobre a biodiversidade local.

O monitoramento de espécies vegetais e cultivo de plantas são importantes para proteger as espécies ameaçadas, bem como recuperação de áreas degradadas tal qual era a área onde hoje se encontra o HBCB. Além das conexões culturais e simbólicas na relação com a natureza, ocorre também a integração da comunidade acadêmica e

externa, criando espaços de diálogo e leitura para a troca de saberes e responsabilidade com os bens da natureza e seus ecossistemas.

Os projetos 1 e 2, destacados no quadro acima, tem objetivos semelhantes, mudando apenas a sua aplicabilidade. O objetivo principal de ambos é socializar as diversas práticas ambientais que ocorrem no HBCB/CH/UEPB. Enquanto o primeiro projeto recebe grupos nos espaços do HBCB, o segundo direciona as atividades para as escolas e comunidades, ambos socializando as práticas a partir dos ODS.

Imagem 1: Visita da ECI José Soares de Carvalho ao HBCB



Imagem 2: Ida da equipe do Projeto 2 até a ECI Jose Soares de Carvalho



Fonte: acervo do projeto, 2024.

Os projetos 3 e 4, articulam seleção e manejo das espécies vegetais. O projeto 3 tem por justificativa a criação de espaços ou áreas que representem a variabilidade ecológica das orquídeas, plantas essas de características distintas que trazem um valor tanto ornamental nas criações de ambientes de paisagismo, além de seu papel no meio ambiente com seu comportamento representativo de espécies epífitas. Já o projeto 4 incentiva o cultivo de espécies vegetais em quintais residenciais, considerando que a flora das áreas urbanas e as culturas de quintais, sejam de plantas medicinais, frutíferas, ornamentais, entre outras.

Imagem 3: Orquidário do HBCB



Imagem 4: Cultivo de espécies em quintais residenciais.



Fonte: acervo do projeto, 2024.

O projeto 5 monitora todas as espécies que compõem o HBCB e Incentiva a interação dos envolvidos no plantio e cuidados com as espécies vegetais plantadas nos espaços do bosque, como incentivo à prática de reflorestamento e de conhecimento das espécies nativas de nossa região.

Imagem 5: Vista aérea dos espaços do HBCB no início das atividades em 2019



Imagem 6: Vista aérea dos espaços do HBCB em 2024.



Fonte: acervo do projeto, 2019/2024.

Nos projetos 6 e 7, há um incentivo ao consumo dos espaços do HBCB, através do uso da literatura. O projeto 6, Livros livres, objetiva incentivar a leitura através de troca de livros e o projeto 7, incentiva a leitura literária, rodas de conversa e aulas, principalmente nas praças do HBCB. São organizadas também programações culturais, como saraus, apresentações musicais e o cine HBCB.

Imagem 7: Troca de livros na pracinha Carlos Belarmino



Imagem 8: Evento Chá, bolacha e poesia



Fonte: acervo do projeto, 2024.

De um modo geral, o Programa HBCB/CH/UEPB vem contribuindo no desenvolvimento de liderança e conhecimento dos participantes e isso pudemos constatar por meio do *feedback* dos envolvidos nas ações, na evolução das práticas ambientais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Programa HBCB/CH/UEPB, em seus cinco anos de atuação, com seus diferentes projetos ligados à EA, possibilitou a utilização de diferentes práticas, técnicas e recursos de aprendizagem. Além de estabelecer um fortalecimento intramuros da academia, permitiu uma abrangência extramuros para escolas e comunidades do Estado da Paraíba, enfatizando a importância da relação ensino-aprendizagem. Mostrou, na prática, elementos da dinâmica de sustentabilidade e cuidados com relação ao meio natural, intercalando as vivências e as práticas que dinamizam um olhar mais humano para as questões ambientais.

O modelo de educação brasileira, nem sempre cria conexões efetivas entre teoria e prática, o que dificulta o aprendizado e a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos. Nessa perspectiva, o Programa HBCB/CH/UEPB surge como um laboratório, onde práticas com relação à paisagem poderão ser apresentadas. As práticas desenvolvidas pelo citado bosque, nesses cinco anos de atividade, permitiu um estreitamento de relações entre academia e comunidade, trazendo uma percepção do espaço vivido e suas dimensões. As atividades buscam discutir e questionar práticas ambientais que permitam articular um mundo mais humano, com um olhar mais cuidadoso para o meio ambiente e suas múltiplas interações.

Pensar nas questões ambientais e suas conexões, requer alternativas que possam minimizar os impactos decorrentes de um mau relacionamento entre os grupos humanos e seus espaços. Uma forma de potencializar essa divulgação/interação dos conhecimentos e práticas sustentáveis, é adotar estratégias que envolvam o nicho educacional. Essa parceria funciona como veículo propagador de ensinamentos e práticas ambientais mais equilibradas.

Após cinco anos ininterruptos de atividades do Programa HBCB/CH/UEPB, concluímos que os elos entre a sociedade e a natureza precisam ser restabelecidos. A continuidade desse diálogo, com práticas efetivas que incentivem o cuidado do meio ambiente, irá sedimentar as bases para o fortalecimento das relações entre as comunidades e seu espaço vivido, possibilitando a expansão de práticas realmente sustentáveis.

## **AGRADECIMENTOS**

A realização desse trabalho só foi possível mediante articulações e parcerias durante todo o seu desenvolvimento. Primeiramente, agradecemos à UEPB,

especialmente a PROEX, pelas bolsas concedidas durante todo o andamento da pesquisa; Ao deputado Ranieri Paulino, por ter conseguido, em 2021, uma emenda parlamentar que proporcionou uma maior atuação dos estudantes na pesquisa; Aos professores, funcionários, bolsistas, voluntários, escolas e empresas, pela importante parceria nas demandas do programa. E um agradecimento especial à família do professor Carlos Belarmino, que está sempre presente nas atividades desenvolvidas.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, L. V de; BELIZÁRIO, M. A. S; BORBA, G. K de O; ARAÚJO, A. P. O; ARAÚJO, J. N de; FLORIANO, E. T da S. The practice of environmental education starting from the extension program Humaniza Bosque Carlos Belarmino (HBCB), Guarabira, Paraíba. In: Nathan Albano Valente. (Org.). **Academic Education Navigating the Path of Knowledge**. 1ª ed. São José dos Pinhais: Seven Editora, 2024, v. 1, p. 1-20. (a)

ARRUDA, L.V.; BELIZÁRIO, M.A.S.; CAVALCANTE, M.B.; BORBA, G.K.O. Elos e flagelos na relação sociedade-natureza: Em busca da conscientização ambiental para preservar a vida. **Revbea**, v.15, nº 4, São Paulo, 2020. p. 279-300.

BELIZÁRIO, M.A.S.; ARRUDA, L.V.; STEDILE, L.L.M.; BELIZÁRIO, B.C.S. Verso e Reverso da COVID-19 e o isolamento social: Alterações e impactos na dinâmica de convivência no/do lar. **Revista Rural & Urbano**. Recife. v.05, n., p. 274 - 294, 2020.

FOUCAULT, M. de. Espaços outros. Trad. Ana Cristina Arantes Nasser. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 27, n. 79, 2013. p. 113-122.

KRENAK, A. O amanhã não está à venda. In: **A vida não é útil**. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em Geografia: ensaios de história**, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020. 192p.

OLIVEIRA, S. R. de L. Prefácio. In: BARROS, J. S., ARAGÃO, W. A. **Nos caminhos da Educação Geográfica**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2021. 212p.

SALES, R. M. M. Agroindústria Familiar, ODS's e Desenvolvimento Alternativo: um estudo sobre a Fonte do Sabor do Semiárido Paraibano/Brasil. In: **Redes (Santa Cruz do Sul. Online)**, v. 24, n. 3, p.142-162, setembro-dezembro, 2019. ISSN 1982-6745.

SAUER, C. O. Desenvolvimentos recentes da Geografia Cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (org.) **Geografia Cultural – uma antologia – vol. I**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p.07-14.

SENA, A.; FREITAS, C.M.; BARCELLOS, C; RAMALHO, W.; CORVALAN, C. Medindo o invisível: análise dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em populações expostas à seca. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21 (3), p. 671-683, 2015.

SILVA, Eduardo Costa. **Práticas ambientais de extensão desenvolvidas no HUMANIZA BOSQUE CARLOS BELARMINO (HBCB/CH/UEPB) e suas relações com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)**. (Trabalho de Conclusão de Curso, Geografia, Centro de Humanidades/UEPB), 2022, 49 p.

TUAN, Y. F. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005. 375p.

TUAN, Y-F. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Trad) Livia de Oliveira. Londrina: 2012.